SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Pró-Reitoria de Graduação
Diretoria de Processos Seletivos

Processo Seletivo para Vagas Ociosas: Transferência Facultativa e Portador de Diploma de Graduação

Editais UFU/PROGRAD/DIRPS 017 e 018/2017

TIPO 1

CADERNO 02

SÓ ABRA ESTE CADERNO DE QUESTÕES QUANDO AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO

1. Fique atento aos avisos a serem dados pelo chefe de setor.
2. Para se dirigir aos fiscais, levante o braço e aguarde ser atendido.
3. Após ser autorizado, abra o caderno, verifique o seu conteúdo e solicite imediatamente a troca, caso faltem folhas ou haja falhas na impressão.
4. Verifique se este caderno contém **30** questões objetivas e 03 propostas de redação.
5. Transfira cada uma de suas respostas para a **Folha de Respostas,** conforme as instruções lá contidas.
6. É de responsabilidade do candidato a entrega de suas Folhas de Respostas.
7. **O candidato que for flagrado portando quaisquer aparelhos eletrônicos, mesmo desligados — inclusive telefone celular — terá a sua prova anulada. Não leve esses aparelhos eletrônicos para o banheiro, pois o porte desses, nessa situação, também ocasionará a anulação da prova.**
8. Ao término da prova, este caderno deverá ser levado pelo candidato.

OBS.: os fiscais não estão autorizados a dar informações sobre esta prova.

RASCUNHO

LINGUA PORTUGUESA

Para responder às questões de 01 a 07, considere o texto apresentado a seguir.

Bichos de pelúcia substituem animais de laboratório em aulas na USP

Professora do campus de Ribeirão Preto desenvolveu material para aulas sobre *diabetes mellitus*

Há cinco anos, uma professora da USP, em Ribeirão Preto, usa animais de pelúcia em aulas práticas sobre *diabetes mellitus*. A iniciativa vem poupando sofrimento e morte de cerca de 45 ratos por ano, com benefícios ao aprendizado dos estudantes que perdiam o foco com a dor dos animais.

Responsável pela aula alternativa, cursada por alunos das faculdades de Odontologia (Forp) e de Ciências Farmacêuticas (FCFRP) da USP, a professora Maria José Alves da Rocha conta que as aulas de laboratório da disciplina de Fisiologia sobre *diabetes mellitus* nunca foram confortáveis. Os alunos sofriam com a coleta de sangue dos animais para dosar a glicemia, pois era necessário um corte no rabo do animal, relata. A professora explica ainda que esses ratos ficavam em estado deplorável e exalavam forte odor causado por diarreia, efeito colateral da droga que induz ao diabete.

Ao buscar uma solução para o problema, Maria José encontrou alguns artigos científicos sobre modelos de aulas de sucesso com animais artificiais e decidiu desenvolver seu próprio material. Aproveitou as gaiolas metabólicas – equipamento onde ratos de verdade ficam e têm suas fezes e urina coletados – já existentes e adquiriu os ratinhos de pelúcia em oferta numa grande loja.

Com a ajuda do técnico de laboratório Mauro Ferreira da Silva, abriu o abdômen de alguns bichinhos que, a cada aula, são preenchidos com bolas de gude para alcançar pesos diferentes. Para o sangue e urina, que também são artificiais, recebeu a colaboração do então aluno de Farmácia Paulo José Basso. Esses preparados simulam os diferentes níveis de glicemia, ou seja, a quantidade de açúcar no sangue.

As análises, comparando as aulas com animais reais e as que usam métodos alternativos, ofereceram à professora a certeza do caminho certo. “Modelos de ensino que não envolvem experimentos nocivos ou com morte de animais são benéficos à aprendizagem”, garante. Conta que era comum estudantes se distraírem do objetivo principal, a doença, ao se envolverem em discussões sobre a dor e o desconforto que os animais experimentam.

“Questões éticas são importantes e devem ser incorporadas em um curso de fisiologia”, defende a professora. Entre as vantagens das aulas com a substituição dos animais, ela aponta a oportunidade de o aluno discutir as diferenças entre a diabete tipo 1 e tipo 2, oferecida pela simulação do rato obeso. Ela afirma que a técnica pode ser facilmente adaptada em todos os cursos das áreas biomédicas que ensinam fisiologia endócrina, mesmo em instituições com menos recursos, já que não requer grande suporte técnico nem equipamentos ou espaços físicos específicos.

Por esse trabalho de ensino, a professora e sua equipe receberam o Prêmio do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) de Métodos Alternativos à Experimentação Animal, como o terceiro colocado na categoria Produção Acadêmica. A solenidade de premiação ocorreu em Brasília na semana passada. Um artigo sobre o tema foi publicado na revista *Advances in Physiology Education.*

STELLA, Rita. Bichos de pelúcia substituem animais de laboratório em aulas na USP. Jornal da USP, São Paulo,15 dez. 2017. [Adaptado]. Disponível em: <http://jornal.usp.br/universidade/bichos-de-pelucia-substituem-animais-de-laboratorio-em-aulas-na-usp/>. Acesso em: 20 dez. 2017

QUESTÃO 01

A principal motivação para a escrita da notícia foi a

A) premiação que a professora recebeu do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).
B) publicação de um artigo na revista *Advances in Physiology Education* sobre o trabalho de ensino da professora.
C) defesa de questões éticas, pela professora, em relação ao uso de animais em aulas práticas, em um curso de fisiologia.
D) iniciativa alternativa da professora de usar bichos de pelúcia em aulas práticas sobre *diabetes mellitus.*

QUESTÃO 02

Dentre os benefícios descritos pelo uso de bichos de pelúcia em aulas práticas sobre *diabetes mellitus,* **NÃO** se considera a

A) simulação questionável dos diferentes níveis de glicemia.
B) adaptação simples da técnica para todos os cursos das áreas biomédicas.
C) concentração melhor dos alunos e maior aprendizado.
D) exposição diminuída de animais ao sofrimento e à morte.

QUESTÃO 03

Com base no texto, o uso da expressão “Esses preparados” (Linha 20) retoma

A) fezes e urina coletadas.
B) bolas de gude.
C) sangue e urina artificiais.
D) gaiolas metabólicas e ratinhos de pelúcia.

QUESTÃO 04

No trecho “Para o sangue e urina, que também são artificiais, recebeu a colaboração do **então** aluno de Farmácia Paulo José Basso.” (Linhas 19 e 20), o termo em destaque foi utilizado para

A) marcar temporalidade pretérita no momento do discurso.
B) realçar a condição discente de Paulo no momento da escrita da notícia.
C) conferir informalidade ao texto, aproximando-se do leitor.
D) concluir o raciocínio do período.

QUESTÃO 05

Dentre os problemas que motivaram a professora a buscar meios de substituir os animais reais nas aulas sobre *diabetes mellitus,* desconsidera-se

A) a impossibilidade de discutir as diferenças entre a diabete tipo 1 e a tipo 2.
B) a distração dos estudantes.
C) o sofrimento dos estudantes com a coleta de sangue dos animais.
D) as discussões dos alunos sobre o desconforto dos animais.

QUESTÃO 06

Releia o trecho.

“A professora explica **ainda** que esses ratos ficavam em estado deplorável e exalavam forte odor causado por diarreia, efeito colateral da droga que induz ao diabete.” (Linhas 10 e 11).

O termo em destaque pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por

A) até que.
B) sobretudo.
C) além disso.
D) enfim.

QUESTÃO 07

Leia o excerto.

“A presidente da Sociedade Protetora dos Animais de Maringá (Socpam), Maria Eugênia Costa Ferreira, por sua vez, diz que não há parâmetros que comprovem que o uso de animais em pesquisas humanas é realmente eficaz. ‘Animal é animal e humano é humano, são seres diferentes. Não dá para comparar, tanto que depois acabam testando em pessoas. Só toleramos a utilização de animais em casos nos quais o bicho será beneficiado com a pesquisa ou procedimento, e não massacrado, torturado e depois morto’, diz.”

GUILLEN, Fábio; GONÇALVES, Juliana. Entre as descobertas da ciência e a ética, as cobaias. *Gazeta do Povo*, Curitiba: PR, 05 nov. 2011. [Adaptado]. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/entre-as-descobertas-da-ciencia-e-a-etica-as-cobaias-96wlqrz0msxw2vlxjz58wexxq>. Acesso em 22 jan. 2018.

Este excerto, em relação à notícia apresentada,

A) contra-argumenta em relação aos modelos de ensino que não envolvem experimentos nocivos ou com morte de animais.
B) questiona a validade da experiência da professora ao usar bichos de pelúcia no lugar de animais de laboratório.
C) exemplifica as vantagens das aulas com a substituição dos animais de laboratório.
D) corrobora com a ideia da substituição dos animais de laboratório por bichos de pelúcia.

QUESTÃO 08

Leia o fragmento apresentado a seguir.

"A Alfaguara relança em volume único os dois livros de contos de estreia de Ronaldo Correia de Brito: 'Faca' e 'Livros dos homens'. É chance de rever o que estava no início da carreira do escritor e fazer um balanço.

O universo temático é o sertão brasileiro. Somos apresentados a uma região que ora é mítica e atemporal, com crenças oriundas de culturas ameríndias, africanas e portuguesas, mas que também é marcada pelo descompasso das experiências migratórias.

O volume mostra um autor potente, mas com a mão pesada de quem ainda não confia nos próprios recursos ficcionais e procura forjar um mundo diante do leitor.

Essa é a questão mais importante do livro: de que mundo se fala quando falamos do sertão? Conhecemos a máxima de Guimarães Rosa 'o sertão está em toda parte', que justificaria, ainda hoje, uma volta ao regional na literatura. Mas não parece ser o caso aqui.

Quando um narrador onisciente nos oferece construções como 'O crime de Chagas partira o coração hospitaleiro dos sertanejos', é sinal de que estamos diante da voz narrativa impositiva e julgadora de um demiurgo."

TADDEI, Roberto. Contos trazem narrador com voz impositiva e julgadora. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 04 jan. 2018. [Adaptado]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/01/1947763-contos-trazem-narrador-com-voz-impositiva-e-julgadora.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2018 (Adaptado).

Considerando as características do gênero resenha crítica, assinale a alternativa que expressa o objetivo do resenhador.

A) Valorizar o sertão brasileiro atual.
B) Ponderar sobre a "mão pesada" do autor.
C) Criticar uma obra relançada.
D) Revelar a voz impositiva do narrador.

Para responder às questões 09 e 10, leia o excerto da crônica "Antigamente", de Carlos Drummond de Andrade.

"Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era de tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava manta e azulava, dando às de Viladiogo. Os idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de altéia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água."

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antigamente**. [Adaptado]. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond07.htm>. Acesso em: 06 jan. 2018.

QUESTÃO 09

Neste excerto da crônica de Drummond, a predominância das formas verbais indica fato

A) terminado no passado.
B) habitual no passado.
C) ocorrido posteriormente a um determinado fato passado.
D) ocorrido antes de outro fato passado.

QUESTÃO 10

O trecho, “Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa (...)” (Linhas 2 e 3)**, NÃO** pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

A) “Os janotas, apesar de não serem rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa (...)”.
B) “Os janotas, conquanto não fossem rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa (...)”.
C) “Os janotas, a despeito de não serem rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa (...)”.
D) “Os janotas, porquanto não fossem rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa (...)”.

QUESTÃO 11

Leia o fragmento apresentado a seguir.

"[...] Vários são os fatores que contribuem para a produtividade de um país, como, por exemplo, saudável ambiente de negócios, infraestrutura de produção e logística adequada, abertura comercial, livre concorrência, segurança jurídica, burocracia estatal não sufocante, baixos níveis de corrupção. Todas essas condições são importantes e devem ser buscadas ativamente. Há, no entanto, um fator decisivo, cuja ausência pode pôr a perder a eficácia de qualquer esforço para aumentar a produtividade: a educação.

Esse fator vai muito além da mera escolaridade formal. No Brasil, como também em outros países emergentes e em desenvolvimento, houve, nas últimas décadas, um aumento do nível de educação formal. Ou seja, cresceu o porcentual da população que teve acesso aos vários níveis de ensino: fundamental, médio, técnico e superior. No entanto, esse aumento não é suficiente por si só para gerar uma maior capacidade de trabalho individual. Um diploma que não está acompanhado de um acréscimo efetivo de conhecimento e de habilidades não agrega melhores resultados no trabalho.

Tal realidade foi confirmada, no final do ano passado, por pesquisadores do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Eles constataram que, a despeito do aumento do número de anos de estudos ocorrido no Brasil, não se verificou um aumento da produtividade do País. Era mais uma evidência das deficiências do ensino oferecido no País. Aumentou-se a quantidade dos anos que o aluno passa em sala de aula, mas isso não proporcionou uma melhora de fato da educação."

A urgência da educação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jan. 2018. [Adaptado]. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-urgencia-da-educacao,70002159687>. Acesso em: 23 jan. 2018.

De acordo com o texto, para que haja mais produtividade no País,

A) a população deve ter mais anos de escolaridade.
B) o aumento de cursos de formação continuada em nível técnico deve acontecer.
C) o acesso à educação formal não basta.
D) o acesso a todos os níveis de ensino deve ser oportunizado.

QUESTÃO 12

Considere o gráfico apresentado a seguir.

Disponível em: <https://www.insper.edu.br/conhecimento/politicas-publicas/instituicoes-crescimento-e-justica-social/>. Acesso em: 24 jan. 2018.

Em relação à interpretação dos dados apresentados, assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) No período de tempo mais recente considerado, apenas o crescimento educacional brasileiro ocorreu em ritmo bastante inferior ao da Coreia.
B) A produtividade da indústria brasileira foi praticamente zero nos últimos 30 anos enquanto a Coreia apresentou aumento considerável.
C) O crescimento da produtividade na indústria brasileira foi muito distante do crescimento da produtividade na indústria coreana, considerando o primeiro período de tempo analisado.
D) O segundo período de tempo considerado mostra uma inversão da situação brasileira no que se refere ao crescimento da educação e à produtividade na indústria, se comparado ao primeiro período de tempo analisado.

Para responder às questões de 13 a 15, considere o texto apresentado a seguir.

Carta aberta sobre a situação do sistema penitenciário do Brasil

Em menos de 25 anos, são inúmeras as crises que eclodiram dentro de unidades prisionais nos quatro cantos do Brasil: Carandiru em São Paulo (1992), Urso Branco em Rondônia (2002), Pedrinhas no Maranhão (2013), Cascavel no Parará (2014), Curado em Pernambuco (2015), e somente nas primeiras semanas de 2017, Complexo Anísio Jobim – COMPAJ – no Amazonas e Penitenciária Agrícola de Monte Cristo em Roraima, para citar apenas as mais noticiadas. Não é razoável tratar todos esses fenômenos como

episódios desconectados ou como uma série de acidentes. O diagnóstico é muito mais sério, expondo as convulsões de um sistema colapsado.

A insistência no uso predominante da pena de prisão como principal resposta ao cometimento de um crime denuncia a escolha por uma política criminal punitivista que conduz ao encarceramento em massa. Os dados mais recentes divulgados pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) do Ministério da Justiça indicam que, em dezembro de 2014, o Brasil mantinha encarceradas 622.202 pessoas, comprimidas em um sistema deficitário em 250.318 vagas(1). Em termos gerais, o Brasil mantém 306 pessoas presas por 100.000 habitantes, o que representa mais do que o dobro da média mundial, ostentando a 6ª maior taxa de encarceramento do planeta(2). No entanto, 40% da população prisional, ou seja, 249.668 indivíduos, estão presos sem terem sequer recebido uma sentença condenatória(3) – quantidade de pessoas suficiente, por si só, para zerar o déficit de vagas.

Essa realidade coloca o Brasil na quarta posição dos países que mais encarceram no mundo e revela uma franca tendência de agravamento do encarceramento em massa. Desde os anos 2000, a população prisional cresceu 167,32%, proporção mais de dez vezes superior ao crescimento experimentado pelo total da população do país. Tal direcionamento coloca o Brasil na contramão da trajetória de países como os Estados Unidos, que experimentaram políticas de endurecimento penal e estão voltando atrás, dado seu fracasso para a melhoria dos índices de violência e seu impacto no agravamento das desigualdades sociais. A Rede Justiça Criminal e as organizações parceiras abaixo subscritas conclamam as autoridades públicas a tratar a grave crise do sistema carcerário orientadas pelo respeito aos direitos humanos, de forma a enfrentar suas causas estruturantes e não se atendo à adoção de medidas de caráter paliativo ou imediatista.

Reiterando seu compromisso com a garantia do pleno acesso à justiça, da efetivação das respostas alternativas ao encarceramento e com o controle social da atuação do sistema de justiça e das instituições responsáveis pela execução das políticas públicas, em âmbito nacional e estadual, as organizações subscritoras denunciam a política brasileira de encarceramento em massa, que atinge de maneira desproporcional e sistemática jovens negros, de baixa escolaridade e de baixa renda. É preciso reconhecer que o sistema de justiça criminal em vigor segue agravando vulnerabilidades, reforçando estigmas e reproduzindo desigualdades preexistentes. Em consequência, o sistema de justiça criminal termina por alimentar o ciclo de violência que assola a sociedade brasileira. A manutenção dessa tendência, à revelia de diagnósticos sérios e fidedignos da realidade, oferece tão somente terreno fértil para futuras e mais violentas rebeliões.

As organizações subscritoras defendem a revisão da política criminal vigente, mediante a adoção de uma política pública consistente, que leva à redução da população carcerária – com especial atenção para a revisão da política de drogas, incentivo à política de alternativas penais e à implementação das audiências de custódia, como mecanismo fundamental de verificação da legalidade da prisão, do cumprimento das garantias processuais e da prática de abuso ou tortura – construída a partir da produção e análise consistente das estatísticas de justiça criminal, de forma transparente e regular.

Assinam o documento:
A Rede Justiça Criminal, que é composta por sete organizações da sociedade civil: Associação pela Reforma Prisional, Conectas Direitos Humanos, Instituto de Defensores de Direitos Humanos, Instituto de Defesa do Direitos de Defesa, Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, Justiça Global, Instituto Sou da Paz.
ANDI – Comunicação e Direitos Associação
Associação Franciscana De Defesa De Direitos E Formação Popular
Associação pela Reforma Prisional
Blog Negro Belchior – Carta Capital
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC/UCAM)

(1) Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen, dezembro de 2014.
(2) Considerou-se a metodologia proposta pelo INFOPEN, dezembro de 2014, que a fim de evitar distorções estatísticas, exclui do computo países com menos de 10 milhões de habitantes.
(3) Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen, dezembro de 2014.

Rede de Justiça Criminal et al. Carta aberta sobre a situação do sistema penitenciário do Brasil. Justiça Global, Rio de Janeiro, 13 jan. 2017. Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/carta-aberta-sobre-situacao-do-sistema-penitenciario-do-brasil/>. Acesso em: 05 jan. 2018.

QUESTÃO 13

Os autores da carta **NÃO** entendem que a política brasileira de encarceramento em massa

A) representa uma prática repressora.
B) trata equitativamente os condenados.
C) potencializa fragilidades.
D) configura retrocesso ao sistema de justiça criminal.

QUESTÃO 14

O texto configura-se como carta aberta. Diante disso, qual alternativa **NÃO** apresenta característica desse gênero de texto?

A) Expõe temática de interesse coletivo.
B) Contém sequências argumentativas.
C) Objetiva reivindicar, alertar, denunciar ou protestar.
D) Explora, geralmente, a divulgação pública.

QUESTÃO 15

De acordo com o texto, assinale a alternativa **INCORRETA**?

A) A política brasileira de detenção em massa é alvo da denúncia.
B) A principal resposta à criminalidade é a pena de prisão.
C) A revisão da política criminal atual é uma reinvindicação dos signatários da carta.
D) A falta de sentença condenatória para muitos encarcerados agrava a crise das penitenciárias no Brasil.

LITERATURA

QUESTÃO 16

Considere o poema apresentado a seguir.

A lua no cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.
Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!
Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava pra ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.
A lua ficou tão triste
com aquela história de amor
que até hoje a lua insiste:
— Amanheça, por favor!

Leminski, Paulo. A lua no cinema. In: MORICONI, Ítalo (Org.). **Destino: poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 90).

Neste Poema, Paulo Leminski cria impressões metaforizadas do cinéfilo que se identifica com o enredo de um filme. Desse modo, o eu-lírico tenta transmitir a ideia de que

A) a solidão é marca registrada daqueles que amam.
B) a tristeza marca eternamente a vida dos amantes.
C) os cinéfilos perdem o sono com as histórias tristes.
D) o amor parece algo inatingível para os excluídos.

QUESTÃO 17

Considere o texto apresentado a seguir.

Atrás do balcão Rodrigo olhava melancolicamente para o trecho de rua que a porta da venda enquadrava. Via, lá do outro lado, o quintal dos Almeidas e para além dele o campo, verde e batido de sol – uma sucessão de coxilhas onde azulavam capões. De vez em quando passavam no céu, dum azul liso e intenso, grandes nuvens brancas. Rodrigo foi até a porta e olhou para o alto. O vento trazia um cheiro bom de capim, e, aspirando-o, ele como que se embriagava. O fedor de cebola, alho e banha que havia dentro da casa nauseava-o. Meter-se naquele negócio tinha sido a maior estupidez de sua vida. Estava com a sensação de que o haviam trancafiado num calabouço. Ia resignar-se e ficar ali preso toda a vida? Imaginou-se velho e asmático como o padre Lara, a pesar cereais, cortar fumo e vender cachaça aos copos, enquanto os vinténs e os cruzados pingavam na gaveta encardida.

Alguém entrou e disse:

– Lindo dia!

Rodrigo não respondeu. Estava de olhos erguidos, mas fechados, recebendo em cheio no rosto o sol quente e o vento fresco. Pensava em como seria bom sair pelo campo a cavalo, a todo o galope, percorrer as invernadas, tomar um banho no lajeado e depois ficar deitado ao sol...

– Capitão!

Voltou a cabeça e viu um homem junto do balcão.

– Que é que há? – perguntou, contrariado.

– Me dê um pacotinho de purgante de maná e um rolo de fumo.

Rodrigo despachou o freguês num silêncio ressentido, recebeu o dinheiro e por puro hábito disse:

– Gracias!

De súbito o outro se lembrou:

– Ah! Quero também uma réstia de cebola... Rodrigo franziu a testa:

– Raspa! – gritou. O homem estremeceu, ficou atarantado. Era um caboclo franzino que trabalhava numa atafona. – Fora daqui!

– Mas capitão... – balbuciou ele.

– Qual capitão qual nada! – exclamou Rodrigo. – Vá embora, seu cachorro!

O outro fez meia-volta e saiu da venda quase a correr. Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo. Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar os sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito.

Quando o caboclo lhe pedira uma réstia de cebola, ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava. O capitão Rodrigo Cambará, que fora condecorado com a medalha da cruz dos militares e que possuía uma fé de ofício honrosa; o capitão Rodrigo, que brigara em várias guerras, estava agora reduzido à condição de bolicheiro: era da laia do Nicolau.

VERISSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. In: **O tempo e o vento**. Vol I, 31 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1994, p. 273.

No episódio “Um certo Capitão Rodrigo”, do livro **O tempo e o vento**, de Erico Verissimo, é narrada a história do capitão Rodrigo Cambará, que terá papel importante no enredo e também na configuração de uma história do Rio Grande do Sul, marcada por batalhas e soldados, narrada pelo escritor gaúcho. No trecho em questão, Rodrigo é descrito como um ser desiludido. Essa desilusão ocorre, porque ele

A) possui pouco lucro com seu comércio.
B) mostra falta de tato nas relações sociais.
C) percebe a degradação de sua vida de soldado.
D) sente falta das cavalgadas nas coxilhas do Rio Grande do Sul.

QUESTÃO 18

Leia o seguinte poema.

Toada do Amor

E o amor sempre nessa toada:
briga perdoa perdoa briga.

Não se deve xingar a vida,
a gente vive, depois esquece.
Só o amor volta para brigar,
para perdoar,
amor cachorro bandido trem.

Mas, se não fosse ele, também
que graça que a vida tinha?

Mariquita, dá cá o pito,
no teu pito está o infinito.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião: 10 livros de poesia**. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 6.

Neste poema, a palavra "pito" sintetiza a metáfora de

A) brigas recorrentes por causa do amor.
B) insatisfação contínua com a vida.
C) desabafo incessante contra os males do amor.
D) ciclo perpétuo da relação entre amar e perdoar.

Para responder às questões 19 e 20, considere os textos I, II e III apresentados a seguir.

TEXTO I

Por que mentias?

Por que mentias leviana e bela?
Se minha face pálida sentias
Queimada pela febre, e minha vida
Tu vias desmaiar, por que mentias?
Acordei da ilusão, a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro…
Leviana sem dó, por que mentias?
Sabe Deus se te amei! Sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!
Sabe esse pobre coração que treme
Que a esperança perdeu por que mentias!
Vê minha palidez – a febre lenta
Esse fogo das pálpebras sombrias…
Pousa a mão no meu peito!
Eu morro! Eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

AZEVEDO, Álvares. **Poesia**. Ed. de Maria José da Trindade Negrão. São Paulo: Agir, 1984. 151p. p. 81.

TEXTO II

Canto do Piaga

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

DIAS, Gonçalves. Canto do piaga. In: **Grandes poetas românticos do Brasil**. São Paulo: LEP, 1959. v.1. p. 49.

TEXTO III

O Navio Negreiro (Tragédia no Mar)

‘Stamos em pleno mar… Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm… cansam
Como turba de infantes inquieta.
‘Stamos em pleno mar… Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro…
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro…
‘Stamos em pleno mar… Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes…
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?…
‘Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas…

ALVES, Castro. **Os melhores poemas de Castro Alves**. Seleção e Apresentação Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983, p. 91.

QUESTÃO 19

O romantismo brasileiro dividiu-se, claramente, em três ditas “gerações” literárias. O poema de Álvares de Azevedo, pertencente à 2ª geração, também chamada de “geração do mal do século”, destoa dos outros dois poemas das demais gerações por

A) exprimir os males do amor platônico.
B) firmar o viço da juventude romântica.
C) sublimar o amor à natureza do Brasil.
D) aderir às causas do nacionalismo.

QUESTÃO 20

Assinale a alternativa que apresenta uma característica comum entre esses três poemas.

A) A exagerada carga de lirismo, típica do movimento romântico.
B) A louvação da morte, presente na maioria dos poemas da época.
C) O dever da denúncia, calcado na expressão poética da dor do escravo.
D) O sentimento de defesa dos valores nacionais, por meio da figura indígena.

QUESTÃO 21

Leia o texto apresentado a seguir.

Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Manoel de Barros busca, por meio deste poema, propor em versos a noção de que o homem, representado pelo eu-lírico, destoa do homem comum. Essa noção se dá, principalmente,

A) pela descrição do sujeito que ele não é.
B) pela qualificação de suas riquezas.
C) pelo paradoxo que reflete sua incompletude.
D) pela afirmação de que precisa “ser outros”.

QUESTÃO 22

Leia os textos I e II apresentados a seguir.

TEXTO I

Relógio

O mais feroz dos animais domésticos
é o relógio de parede:
conheço um que já devorou
três gerações da minha família.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Editora Globo, 1994.

TEXTO II

Tic-tac

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. Porto Alegre: Editora Globo, 1994.

Nestes poemas, Mário Quintana retrata um tema em comum, que se traduz na

A) passagem do tempo e na inevitabilidade da morte.
B) chance de observação da passagem das gerações.
C) evocação da memória e de elementos passados.
D) personificação do Tempo como ceifador dos seres vivos.

QUESTÃO 23

Considere o poema apresentado a seguir.

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
Jogam-se os grãos na água do alguidar
E as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo;
pois catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco,
o de que, entre os grãos pesados, entre
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a com risco.

MELO NETO, João Cabral de. Catar feijão. In: **Melhores Poemas de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Global Editora, 8ª ed., 2001, pag. 190.

Neste poema, é construída uma comparação entre o ato de escolher (catar) feijão e o da escrita. Nesse processo, palavras mal-empregadas pelo poeta sugerem

A) realce das palavras no papel.
B) escolha da interpretação do contexto.
C) incompreensão da passagem no texto.
D) reconhecimento da impossibilidade da leitura.

Para responder às questões 24 e 25, considere os textos I e II apresentados a seguir.

TEXTO I

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca,
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

– Eu faço versos como quem morre.

BANDEIRA, Manuel. Desencanto. In: **A cinza das horas**. São Paulo: Editora Global, 2013.

TEXTO II

Tempo Será

A Eternidade está longe
(Menos longe que o estirão
Que existe entre o meu desejo
E a palma da minha mão).

Um dia serei feliz?
Sim, mas não há de ser já:
A Eternidade está longe,
Brinca de tempo-será.

BANDEIRA, Manuel. Tempo será. In: **Belo, belo**. São Paulo: Editora Global, 2014.

QUESTÃO 24

No poema “Desencanto”, o poeta nega a leitura de seus versos ao leitor que estiver

A) triste.
B) feliz.
C) doente.
D) melancólico.

QUESTÃO 25

No poema “Tempo será”, o poeta estabelece uma relação entre a felicidade e a eternidade. Essa relação se sintetiza na

A) crença de que a felicidade existe no acaso e com tempo definido.
B) afirmação de que o desejo é impossível de se alcançar na eternidade.
C) distância que o poeta traça entre a eternidade e o seu desejo.
D) certeza de que a felicidade será atingida em algum momento do futuro.

Para responder às questões 26 e 27, considere o texto apresentado a seguir.

Cantiga para não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

GULLAR, Ferreira. Cantiga para não morrer. In: **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

QUESTÃO 26

Uma das possibilidades de interpretação deste poema seria a partir da estrofação, ou seja, pelo modo como o poeta estrutura o poema. Nesse caso, o aumento progressivo dos versos de cada estrofe simbolizaria

A) o desejo da eternidade a partir do pedido de lembrança.
B) a exigência do poeta ao insistir nas memórias da amada.
C) o distanciamento entre o poeta e a lembrança da amada.
D) a declaração de amor cada vez mais rebuscada do eu-lírico.

QUESTÃO 27

O paradoxo, figura de linguagem que lida com a contradição verossímil, é uma das formas muito usadas no gênero lírico. Nesse sentido, o poeta de “Cantiga para não morrer” vale-se do uso de paradoxo para

A) diferenciar os conceitos de vida e de morte.
B) contrapor a lembrança ao esquecimento.
C) reforçar a noção de amor e indiferença.
D) compor o quadro de presença *versus* ausência.

Para responder às questões 28 e 29, considere o texto apresentado a seguir.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.
Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao seu lado.
Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.
Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.
Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.
E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.
– Uma casa melhor é necessária, – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.
Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. – Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.
Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Global, 2003, p. 9-14.

QUESTÃO 28

O conto de Marina Colasanti traz, em sua essência, a narrativa e a imagem como formas de expressão artística. Assim, o narrador dessa passagem, a julgar pelo comportamento das personagens, pode ser classificado como narrador

A) intruso.
B) câmera.
C) dramático.
D) testemunha.

QUESTÃO 29

A passagem do conto “A moça tecelã” pode ser vista como um exercício metafórico, sobretudo, da

A) necessidade de amar alguém.
B) possibilidade de ser feliz.
C) habilidade de bordar em tecido.
D) capacidade de fantasiar a vida.

QUESTÃO 30

Considere o trecho apresentado a seguir.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu na multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo - os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio - quando vivo - só podia destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabecão.

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levara duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. In: **Vinte Contos Menores**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979, p. 20).

No conto “Uma vela para Dario”, nota-se a sequência narrativa, em que o autor tenta demonstrar a obsessão dos seres humanos pela morte. No trecho em questão, essa compulsão por observar os mortos possui a característica de ser

A) efêmera, pois ao fim do conto o cadáver está sozinho.
B) impessoal, pois os observadores estão a distância do corpo.
C) complacente, pois todos tentam fazer algo em prol do morto.
D) piedosa, pois as pessoas se compadecem com o morto.

REDAÇÃO

ORIENTAÇÃO GERAL

Leia com atenção todas as instruções.

A) Você encontrará três situações para fazer sua redação.

B) Ao redigir seu texto, obedeça às normas do gênero.

C) Se for o caso, dê um título para sua redação. Esse título deverá deixar claro o aspecto da situação que você pretende abordar. Escreva o título no lugar apropriado na folha de prova.

D) Se a estrutura do gênero selecionado exigir assinatura, **escreva, no lugar da assinatura**: **JOSÉ** ou **JOSEFA**.

E) Em hipótese alguma escreva seu nome, pseudônimo, apelido etc. na folha de prova.

F) Utilize trechos dos textos motivadores, **parafraseando-os.**

G) Não copie trechos dos textos motivadores ao fazer sua redação.

ATENÇÃO: se você não seguir as instruções da orientação geral e as relativas ao tema e ao gênero que escolheu, sua redação será penalizada.

SITUAÇÃO A

DEUSES SOBRE A TERRA

Filipe Veucic

Tido por muitos como o primeiro romance de ficção cientifica, *Frankenstein* (1818) narrava as desventuras de uma criatura da ciência que se voltava contra seu criador, Victor Frankenstein. O clássico da inglesa Mary Shelley delineou um tema frequente da literatura de especulação sobre o futuro: o temor diante de tecnologias que escapem ao controle humano. É a mesma premissa que ainda embasa, por exemplo, os filmes da franquia *Exterminador do Futuro:* indivíduos geniais constroem máquinas que acabam por se voltar contra a sociedade, levando a um apocalipse. No século XXI, a ameaça tecnológica não vem mais na forma de monstros ou robôs. As invenções que passamos a temer são praticamente invisíveis e impalpáveis: algoritmos, *softwares* de inteligência artificial, redes sociais e a etérea "nuvem" que guarda as informações fulcrais de nossa vida. São essas máquinas imperceptíveis que espantam Yuval Noah Harari. Em seu segundo best-seller, *Homo Deus,* o historiador israelense vislumbra possibilidades tenebrosas para o futuro de uma sociedade que pode se ver refém dos produtos de sua imaginação.

Não, Harari não faz ficção científica. O novo livro é a continuação de outra obra do autor: se *Sapiens* (L&PM) era a história concisa da humanidade — do passado, portanto —, *Homo Deus,* como anuncia o subtítulo, é "uma breve história do amanhã". Nesse amanhã não tão distante, surgiria, pelo milagre da tecnologia, o homem divino, pós-sapiens, aludido no título: "Bioengenheiros vão pegar o velho corpo do *sapiens* e reescrever intencionalmente seu código genético, reconectar seus circuitos cerebrais, alterar seu equilíbrio bioquímico e até mesmo provocar o crescimento de novos membros". Esse novo homem será tão diferente do ser humano de hoje quanto este é de ancestrais como o *Homo erectus.* Tal evolução não se dará pela seleção natural descoberta por Charles Darwin no século XIX: a partir daqui, e sem volta, a evolução será artificial, conduzida pelo homem.

Até este momento, o israelense especula que o próximo passo será nos equiparmos com membros biônicos, drogas desenhadas para aumentar a capacidade intelectual ou mesmo nanorrobôs capazes de combater enfermidades e revitalizar o organismo. Alcançaríamos a imortalidade (ou algo próximo disso), a felicidade plena (mesmo que por meio da manipulação química). Fome, pestes e guerras físicas (substituídas pelas cibernéticas e biológicas) deixariam de existir. Só que a história não convive bem com vácuos. Veríamos nascer novos problemas, substitutos das aflições combatidas nos primeiros 200.000 anos da espécie. Em especial, Harari se aprofunda em dois deles — e aí está a parte mais interessante da obra.

O primeiro seria o advento de tecnologias relacionadas à inteligência artificial, que possivelmente tornariam defasadas várias funções e profissões do *Homo sapiens.* Trabalhos manuais ou que exijam só o exercício de pensamento matemático simples — não de sentimentos nem da habilidade criativa humana — seriam extintos. O homem de hoje se tornaria inútil, ainda mais diante da ascendente classe de ciborgues. Daí vem o segundo perigo. O *Homo deus,* acredita o autor, tenderia a explorar ou destruir seus primos mais fracos. "Quando há duas espécies disputando espaço, a mais fraca tende a ser subjugada, quando não eliminada", diz Harari.

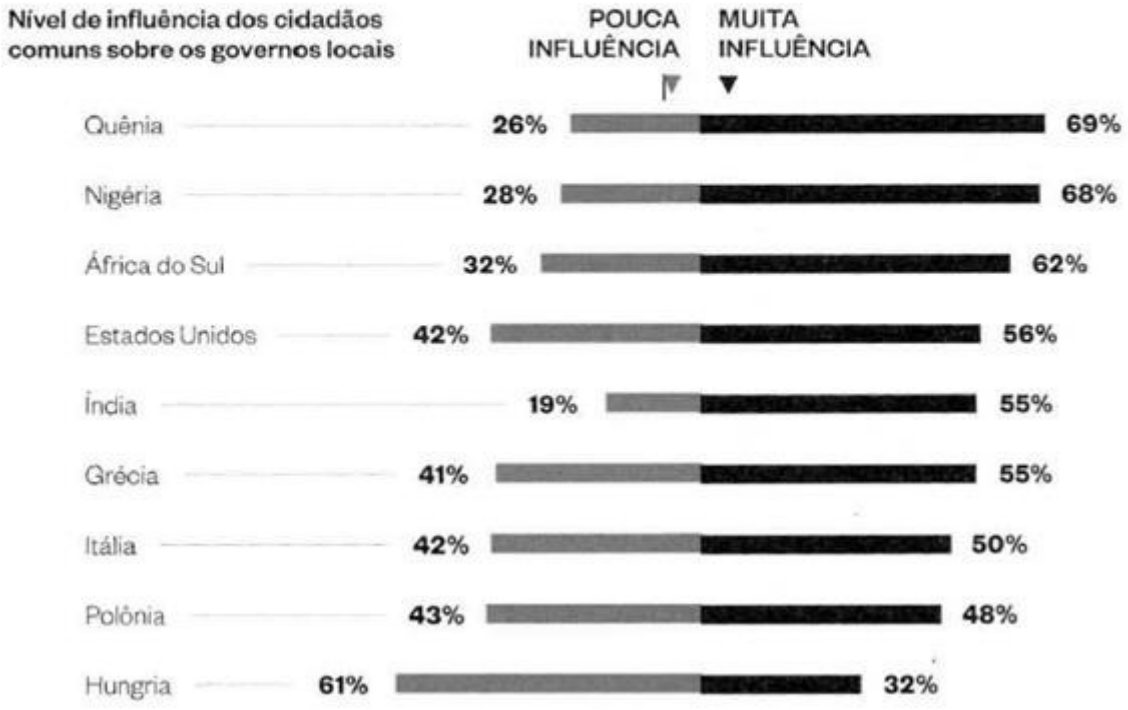
V*eja*, ed. 2504, ano 49, nº 46, 16 de novembro de 2016, p. 96-99 (Adaptado)).

Com base no texto apresentado, produza um **texto de opinião**, posicionando-se a respeito da seguinte afirmativa: “Quando há duas espécies disputando espaço, a mais fraca tende a ser subjugada, quando não eliminada".

SITUAÇÃO B

O povo crê que manda nos políticos

Apesar da descrença na política, uma pesquisa mostra que em vários países os cidadãos acreditam que influenciam o governo. Na maioria deles, as pessoas ainda têm fé na importância da população nos cenários de democracia.



Disponível em: http://www.googleweblight.com/. Acesso em: 02 dez de 2017.

Com base no gráfico apresentado, redija uma **notícia**, enfocando a influência do povo brasileiro sobre os políticos.

SITUAÇÃO C

A FALSA LIBERDADE E A SÍNDROME DO "TER DE"

Lya Luft

Essa é uma manifestação típica do nosso tempo, contagiosa e difícil de curar porque se alimenta da nossa fragilidade, do quanto somos impressionáveis, e da força do espírito de rebanho que nos condiciona a seguir os outros. Eu tenho de fazer o que se espera de mim. Tenho de ambicionar esses bens, esse *status*, esse modo de viver – ou serei diferente, e estarei fora.

Temos muito mais opções agora do que alguns anos atrás, as possibilidades que se abrem são incríveis, mas escolher é difícil: temos de realizar tantas coisas, são tantos os compromissos, que nos falta o tempo para uma análise tranquila, uma decisão sensata, um prazer saboreado.

Até no luto temos de assumir novas posturas: sofrer vai ficando fora de moda.

Contrariando a mais elementar psicologia, mal perdemos uma pessoa amada, todos nos instigam a passar por cima. "Não chore, reaja", é o que mais ouvimos. "Limpe a mesa dele, tire tudo do armário dela, troque os móveis, roupas de cama, mude de casa." Tristeza e recolhimento ofendem nossa paisagem de papelão colorido. Saímos do velório e esperam que se vá depressa pegar a maquilagem, correr para a academia, tomar o antidepressivo, depressa, depressa, pois os outros não aguentam mais, quem quer saber da minha dor?

O "ter de" nos faz correr por aí com algemas nos tornozelos, mas talvez a gente só quisesse ser um pouco mais tranquilo, mais enraizado, mais amado, com algum tempo para curtir as coisas pequenas e refletir. Porém temos de estar à frente, ainda que na fila do SUS.

Se pensar bem, verei que não preciso ser magro nem atlético nem um modelo de funcionário, não preciso ter muito dinheiro ou conhecer Paris, não preciso nem mesmo ser importante ou bem-sucedido. Precisaria, sim, ser um sujeito decente, encontrar alguma harmonia comigo mesmo, com os outros, e com a natureza na qual fervilha a vida e a morte é apaziguadora.

Disponível em: http://www.contioutra.com.br. Acesso em: 15 dez. 2017 (Adaptado)).

Considerando o texto apresentado e momentos de sua vida, produza um **relato de experiência** no qual você se viu na seguinte situação: "Eu tenho de fazer o que se espera de mim."

REDAÇÃO – FOLHA DE RASCUNHO
ESTE RASCUNHO NÃO SERÁ CORRIGIDO

Título da Redação:	N° da linha
	01
	02
	03
	04
	05
	06
	07
	08
	09
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31
	32
	33
	34
	35
	36

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação
DIRPS - Diretoria de Processos Seletivos
www.ingresso.ufu.br